

## Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

# Livros, leituras e circulação de saberes nas teses médicas sobre a epidemia de cólera da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (C. 1855): notas preliminares de pesquisa

Sebastião Pimentel Franco, André Nogueira  
(Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

**Abstract** It proposes a discussion on the production of medical theses submitted to the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro (FMRJ) who lectured about the cholera-morbus at the time the epidemic arrived in Brazil (ca. 1855). The goal is to understand the influence of certain foreign authors, lenses of faculty, medical paradigms, besides the canons imposed for making the final course work of 'doctoral students'. These looks bring together some questions as to the 'history of reading and the book' which, only recently, have been thought by historians that focus on the 'medical book'. This particularly for forms of 'circulation' of medical knowledge for the production of the final course of the doctoral FMRJ work in the context of the arrival of the cholera epidemic to the Empire.

**Sumário** 1 Introdução. – 2 Teses médicas: textos, contextos e circulação de saberes.

**Keywords** Medical thesis. Books and readings. Circulation of knowledge. Cholera-morbus.

Na sua marcha enigmática e caprichosa zombou de todas as previsões, de todos os cálculos. Ilhas, continentes, lugares elevados e profundos, secos ou úmidos, cidades e campos, estações e climas quentes ou frios, e, toda parte se tem mostrado o cólera-morbus, sem poupar idade, sexo, nem profissão.

(Chernoviz 1890, 578)

## 1 Introdução

Pretendemos, neste artigo, discutir como a medicina oficial no Brasil do Império produziu explicações e ações contra uma das epidemias mais temidas e emblemáticas do século XIX: o cólera (Beltrão 1999, Franco 2013, Evans 1987, Rosemberg 1992). Para tal abordagem, e tendo em conta as limitações físicas de um artigo, propomos analisar o conteúdo de três teses médicas ofertadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (doravante,

---

### Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-11

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

FMRJ) e defendidas à época em que o cólera adquiriu lugar de relevo nas preocupações dos representantes da medicina douta e das autoridades imperiais, entre os anos de 1855 e 1856.<sup>1</sup>

Debruçando sobre as teses médicas produzidas pelos doutorandos, que, com a sua redação e defesa, almejavam o término do curso e a inserção profissional – e social – como ‘médicos formados’, deparamo-nos com questões cruciais para o saber médico da época, a exemplo das controvérsias entre o ‘contagionismo’ e ‘infeccionismo’; a atribuição multifatorial para a ocorrência das enfermidades, como o acúmulo de ‘miasmas’ pútridos, variações climáticas, condições telúricas, moradas, estilos de vida, ‘usos e abusos’ das pessoas no que versa sobre trabalho, práticas sexuais, consumo de alimentos e álcool; e a influência do discurso higienista no saber médico estudado, entre outros vetores.

Aqui se pretende empreender uma primeira incursão no conteúdo das teses médicas que tiveram como principal temática a epidemia de cólera. Pensamos os trabalhos de final de curso oferecidos pelos doutorandos como um dos produtos da Medicina douta do Brasil Imperial (ou um gênero textual, como nos parece mais adequado). Assim, procuramos interpretar as teses médicas como um gênero do ‘livro médico’, partindo inicialmente dos olhares de Pécora (2001) e Moisés (2004). Moisés chama a atenção, em seu verbete *Gênero*, a despeito das controvérsias históricas, estéticas e de classificação/estratificação que remontam à Antiguidade e da polissemia do conceito, que o «gênero designaria os aspectos primários, amplos e reiterados de uma série de obras», além de servir «para designar categorias literárias em diversos níveis» (Moisés 2004, 119), em vista da variedade e polivalência das produções textuais. De modo análogo, Alcir Pécora, em seu *Máquina de Gêneros*, chama atenção para a importância de se observar os cânones, estruturas textuais e formais – a produzirem,

---

1 As teses em análise foram escritas pelos doutorandos Henrique de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, procedente de Niterói, Rio de Janeiro, e filho legítimo do Visconde de Albuquerque; João Antônio de Godoy Botelho, procedente do Rio de Janeiro e filho do Tenente de Artilharia a Pé, Manoel Antônio Botelho, e A.J. Soeiro de Faria, da província do Rio Grande do Sul e filho de Alexandre José Soeiro de Faria. Consultando os classificados do *Almanack Laemmert* num arco de vinte anos após a defesa de suas teses – ou seja, entre os anos de 1756-76 – conseguimos acompanhar parte da inserção profissional e social dos nossos ‘novos doutores’. João Antônio de G. Botelho aparece em quatorze classificados, oferecendo seus serviços em endereços variados, como a Rua da Quitanda, o Beco do Cotovelo e a Rua da Candelária. No ano de 1876, Botelho acrescenta em seu classificado: «especialidade: moléstias das crianças». Já o Dr. Soeiro de Faria – com nove classificados entre 1865-76 – não deve ter querido voltar em definitivo para o Sul e, a partir de 1865, poderia ser encontrado na Rua do Sabão. No ano de 1870, instalou-se à Rua das Flores, oferecendo, no novo endereço, também serviços de farmácia e, a partir de 1871, acrescenta a distinção de ‘capitão honorário’. Em 1874, Soeiro de Faria passa a atender à R. do Riachuelo, acrescentando a suas insígnias uma «Medalha concedida ao exército, à armada e aos empregados civis em operações na Guerra do Paraguai, por decretos nr. 4.560 e 4.573 de 6 e 20 de Agosto de 1870» (Almanak Laemmert 1857-76).

especialmente, determinadas convenções e condicionalismos no produto dos textos – próprias de determinados gêneros literários, a exemplo da epístola e dos tratados, em diversos momentos tomados como fonte de interpretação história.

Nessa perspectiva, ao analisarmos os textos produzidos pelos doutorandos, deparamo-nos com os cânones, enquadramentos e determinações dos estatutos produzidos pela FMRJ; as influências dos paradigmas médicos oitocentistas, dos autores em voga e dos lentes que formavam os futuros doutores – parte deles, aliás, inseridos na burocracia imperial – entre outros elementos condicionantes e convencionais, a moldar um tipo específico de texto médico. Esse tipo de olhar converge ainda para algumas questões debatidas e caras à ‘história do livro e da leitura’, que apenas mais recentemente têm sido pensadas pelos historiadores que se debruçam sobre o ‘livro médico’ (Costa, Cardoso 2011; Gondra 2004; Gonçalves 2013; Nogueira 2012).

A elaboração das teses para a obtenção do grau de doutor dos estudantes de Medicina do Império, com suas regras e influências intelectuais, igualmente nos aproxima – como será mais bem discutido adiante – do conceito desenvolvido por L. Fleck de ‘coletivo de pensamento’ (Fleck [1935] 2010, 81-95).

## 2 Teses médicas: textos, contextos e circulação de saberes

«Esta tese está conforme aos Estatutos». Tal assertiva pode ser lida, com ligeiras variações textuais, na última página das teses oferecidas pelos doutorandos à FMRJ, antes dos nomes de seus três avaliadores. Assim, a observância dos ‘Estatutos’ serviria como um dos principais vetores de enquadramento e normalização de tais textos médicos (Gondra 2004, 12, 109). Mas, afinal, o que diziam os Estatutos, no que tange à produção dos trabalhos de final de curso?

Tomando como base os nove artigos que compõem o capítulo 6 (da defesa de teses) do título 2 (Do *Regimen* das Faculdades) dos Estatutos... aprovados no ano de 1854, por reger a escrita das teses dos nossos doutorandos, é possível perceber, primeiramente, que a própria composição do trabalho reproduzia a divisão do saber médico – e, obviamente, de sua transmissão – proposta pela FMRJ. Nesse sentido, aqueles que terminavam o curso de Medicina precisavam escrever sobre temas que abarcassem as ‘ciências acessórias’ (a exemplo da Física, Química e Mineralogia, Botânica e Zoologia, entre outras), ‘ciências médicas’ e ‘ciências cirúrgicas’. Assim, seriam propostas dez questões previamente definidas pelos lentes em exercício na Faculdade no início do ano letivo, para serem objeto da escolha dos alunos. Cada doutorando tomaria para si três dessas questões, uma de cada segmento do curso, sendo uma delas objeto de sua dissertação, con-

figurando o conteúdo mais substancial e sistematizado das teses (Coleção das Leis do Império - CLI). Aliás, não raramente as questões formuladas pelos mestres apareceriam reproduzidas nas teses sob a forma de 'título' das seções, como supõe acertadamente Gondra (Gondra 2004, 151). Por isso, nas três teses médicas aqui tomadas como fontes, encontramos um mesmo título a ser dissertado: «Da Cólera-Morbus, sua sede, natureza, e tratamento. Será contagiosa?».

Em vista da produção canônica das teses; da influência da Faculdade e de seus lentes, ao elencarem temas e caminhos de abordagens; e da importância de determinados paradigmas médicos, na afirmação e institucionalização da Medicina do Império, nos parece plausível a percepção de tais textos e da dinâmica da sua autoria, a partir do conceito de 'coletivo de pensamento', cunhado por Fleck ([1935] 2010, 81-2).

Aliás, um olhar mais específico sobre o conteúdo da seção 'dissertação' das teses aqui analisadas revela um verdadeiro *desfile* de menções a dezenas de autores - além de algumas citações mais diretas de suas respectivas obras - para conferir legitimidade aos textos redigidos por nossos doutorandos e inseri-los no circuito da literatura médica produzida e consumida nas «instituições médicas das Nações mais adiantadas».

Para esta análise, concentramo-nos deliberadamente em considerar de modo mais detido apenas os autores citados três ou mais vezes pelos doutorandos em suas teses. Nesse contexto, entre os autores mais referidos pelos futuros médicos, percebemos significativas proximidades e repetições: dos dezoito nomes mais encontrados nas teses, apenas quatro deles não aparecem em pelo menos um dos três trabalhos de final de curso aqui analisados; percepção que confirma que as escolhas desses autores seriam, presumivelmente, condicionadas por fatores como a ressonância dos autores citados entre os lentes da FMRJ; o acesso a determinados livros importados e ao idioma original dessas obras; à maior aceitação de certos paradigmas médicos pela medicina douta do Império.

Em algumas passagens dessas teses, para além do uso de um mesmo 'rol de autores' para corroborar uma dada exposição de conteúdo, é possível perceber ainda significativas similitudes na própria construção dos textos dos doutorandos. Ao argumentar sobre a 'antiguidade' de registros acerca do cólera, por exemplo, lemos na tese de Henrique de Albuquerque:

Quanto à sua antiguidade, também grandes questões tem havido: tendo mesmo chegado a se fazerem dois partidos entre os médicos; uns, entre esses o Sr. Littré, querem que esta enfermidade seja mui recente, sendo a literatura que lhe diz respeito sua contemporânea; pelo contrário outros, como os Srs. Gendri, Double e Ozanam, estabelecem que ela data de longos séculos.

Pensamos como o Sr. Littré, quanto a antiguidade da cólera-morbus na Europa, pelos escritos gregos e romanos, onde não encontramos vestígio

algum preciso de cólera epidêmica, mas sim descrições da esporádica. (Albuquerque 1856, 16-7)

Já João A. de Godoy Botelho, sobre o mesmo ponto, escreve em sua tese um texto em tudo próximo ao de seu 'colega', valendo-se, inclusive, praticamente do mesmo conjunto de autores. Entretanto, é interessante notar que a mesma bibliografia seria acionada pelos formandos para sustentarem posicionamentos aparentemente opostos quanto à 'antiguidade' da epidemia – pelo menos no que versa sobre sua ocorrência na Europa (Botelho 1863, 15).

Em consonância com as considerações de Monique Gonçalves, que interpretou as teses médicas que trataram da epilepsia e demais 'nevroses', percebemos também, entre as referências citadas sobre a epidemia de cólera, a importância dos autores franceses, embora esses estivessem longe de ser exclusivamente lidos pelos formandos da FMRJ (Gonçalves 2013, 75-6).

Há que se notar, nessas referências, a preponderância do paradigma anátomo-clínico – embora este coexistisse com outros paradigmas médicos, como a nosologia e o ecletismo – presentes na formação dos doutorandos e, obviamente, acionados pelos demais representantes da Medicina douta do Império em âmbito mais geral, sobretudo em suas primeiras décadas.<sup>2</sup> Mesmo correndo o risco de sermos esquemáticos, podemos caracterizar essa percepção do corpo enfermo a partir da valorização das 'observações' e da experiência, marcada fundamentalmente pela aproximação entre a Medicina e a cirurgia; da afirmação de uma patologia médica de matizes mecanicistas, no que diz respeito às relações entre os fatores ambientais e os seres vivos; de uma percepção pontual das 'lesões' existentes no corpo doente, que passaram progressivamente das 'fibras' e órgãos aos tecidos, numa escala de observação cada vez mais 'micro' (Edler 2011, 27-48; Foucault 2004; Ferreira 1994, 58-61). Para sancionar esse tipo de olhar sobre as doenças e os corpos doentes, era preciso esquadrihá-los copiosas vezes. Daí o desenvolvimento da observação clínica e das ações pedagógicas se fazerem, por excelência, num espaço hospitalar que passaria progressivamente a ser dominado e regrado pelos representantes da Medicina oficial. Somava-se a essa realidade a sofisticação e a frequência das 'anatomias' (dissecações) (Foucault 2004, 138; Weiner, Sauter 2003, 27-8).

Além disso, a anátomo-clínica, como outros vetores do saber médico oitocentista, atribuía tipicamente explicações multicausais para a ocorrên-

<sup>2</sup> Para uma abordagem mais consistente sobre os componentes da doxa médica do Império (nas palavras do próprio autor), além das controvérsias e alterações (ancoradas em 'pontes' e 'redes' com os saberes e as instituições médicas 'tradicionais') nesse campo científico, conferir Edler 2011.

cia das doenças, em que se faziam presentes ‘miasmas’ e demais ‘vapores pútridos’, aspectos climáticos e telúricos, balizadas pelas leituras neo-hipocráticas, além da estatística e topografia médicas, somando-se a questões mais ligadas à higiene e aos ‘modos de viver’ dos indivíduos acometidos pelos mais variados achaques (Edler 2011, 27-38; Jordanova, Porter 1997, 138; Hannaway 1997, 292-308; Corbin 1987; Kury 1990, 88 sgg.). Rol de explicações que, obviamente, habita as teses médicas aqui interpretadas em suas explicações acerca da aquisição e difusão da epidemia de cólera.

Assim, dentre os autores mais citados pelos nossos doutorandos, encontramos nomes como o de François Magendie (1783-1885), Pierre Rayer (1793-1867) e Jean Bouillaud (1796-1881), referidos copiosas vezes nas páginas das três teses aqui analisadas. Tais autores estão dentre aqueles que representavam e construíram a anátomo-clínica. Magendie, por exemplo, seguiu de perto o legado de Bichat (1771-1802), embora igualmente tenha postulado uma série de críticas ao seu ‘sistema’. Valorizava a observação cuidadosa e repetida dos fenômenos mórbidos para sua categorização. Entretanto, para o autor, a experimentação, sobretudo do funcionamento anatômico, deveria ser empreendida com maior assiduidade, para tratar dos principais fenômenos da vida, pensados por ele tanto em nível ‘micro’ – como no crescimento e na nutrição – como ‘macro’ – processo resultante das ‘ações funcionais’ (Bynun, Bynun 2007, 829-31).

Outro nome frequentemente visto entre os autores mais usados pelos doutorandos é o do polêmico François-Joseph-Victor Broussais (1772-1838). Broussais forjou uma doutrina própria que, a um só tempo, insurgia-se contra a nosologia, a anátomo-clínica – com críticas especialmente dirigidas a Pinel e Bichat – e o ecletismo, ao defender que as doenças seriam provenientes de ‘irritações’ – sobretudo sediadas no aparelho digestivo, ou ‘gastroenterites’ – provocadas por estímulos internos ou externos – a exemplo do ‘clima’ e dos ‘usos’ dos indivíduos, o que incluiria o comportamento moral – que percorriam diferentes órgãos – e, principalmente, tecidos – do corpo enfermo, filiando-se assim às teorias médicas de vertentes fisiológicas e localistas (Ferreira 1994, 61; Bynun, Bynun 2007, 266-8; Kury 1990, 83 sgg.). Além disso, o médico francês é responsável pela criação de uma ‘teoria das febres’, na qual propôs uma interpretação sistêmica da ocorrência dessa controvertida doença – como era vista à sua época – especialmente a partir de sua experiência médica ‘nas tropas’ (Foucault 2004, 203).

Em vista dos principais sintomas que caracterizavam o cólera, podemos presumir a consonância da doutrina das ‘irritações’, proposta por Broussais – especialmente de sua noção de ‘gastroenterite’ – nas iniciativas de definir as causas e evolução da enfermidade. Além disso, não seria difícil imaginar que a ressonância do localismo de Broussais no Brasil fosse influenciada pela própria formação dos lentes da FMRJ. Cruz Jobim, diretor da Faculdade à época da produção das teses aqui analisadas, por exem-

plo, doutorou-se na Faculdade de Paris e fora aluno do próprio Broussais, embora, como será visto adiante, a despeito da autoridade e ressonância das ideias do médico francês, havia igualmente espaço para controvérsias em torno da ‘gastroenterite’ como explicação para a natureza e a sede da epidemia. A presença das obras de Broussais também nos serve como evidência para atestarmos as variações nas orientações teóricas de que lançavam mão os médicos formados e, decerto, aqueles que os formavam na FMRJ, a despeito, como dito, da preponderância do paradigma anátomo-clínico.<sup>3</sup>

Entretanto, nenhum dos autores cujos nomes podem ser lidos nas teses médicas aqui analisadas fora mais citado que o ‘ilustrado professor’ Francisco de Paula Cândido. O médico, além de lente de «Física em geral, e particularmente em suas aplicações à Medicina», disciplina do primeiro ano do curso, foi comissionado pelo governo imperial para estudar a epidemia de febre amarela. Presidiu a Junta de Higiene Pública, chegando a membro do Conselho do Imperador, sendo ainda Comendador da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo e médico da Câmara Imperial, além de membro titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, instituição que presidiu em três ocasiões, dentre outros títulos, comendas e distinções. O Dr. Paula Cândido produziu, entre outras obras, *Relatórios...* acerca das epidemias que grassavam na Corte – com destaque para o cólera e a febre amarela – que seriam os escritos de sua lavra mais citados nas teses aqui estudadas, entre outros textos médicos.

Assim, consideramos aqui que os juízos tecidos pelo Dr. Paula Cândido sobre alguns aspectos específicos da epidemia de cólera, a exemplo de sua sintomatologia e seu posicionamento acerca da natureza ‘contagiosa’ ou ‘infecciosa’ do acaque, influenciaram decisivamente os doutorandos nos textos de suas teses e, igualmente, exprimiam o olhar ‘oficial’ sobre a epidemia.<sup>4</sup>

Outra faceta que nos chamou atenção diz respeito à forma com que os doutorandos aqui analisados registraram o contato que travaram com os vários autores que nomeiam no curso das páginas por eles escritas. Como observaram Gondra e Gonçalves, nas fontes aqui compulsadas igualmente constatamos que a maioria das menções à literatura médica lida aparecia estrategicamente como ‘argumentos de autoridade’, a corroborar e legi-

3 Os estudos de Monique Gonçalves e Luiz Otávio Ferreira apontam realidades análogas às aqui encontradas acerca das percepções sobre a epidemia de cólera e a utilização de diferentes referenciais teóricos na FMRJ. Cf. Gonçalves 2013, 60-2; Ferreira 1994, 58-64.

4 Valendo-se do conceito de ‘etiqueta científica’, de Shapin 1994, Flávio Edler tece interessantes considerações sobre o *status* e a preponderância de determinados médicos e/ou grupos no Império e os mecanismos de validação, institucionalização e afirmação de certos posicionamentos acerca das doenças e das explicações para suas causas, sinais e sintomas, e ações de Estado, cf. Edler 2011, 18.

timar suas assertivas e aproximar os estudantes da FMRJ dos autores e textos médicos que circulavam nas ‘nações mais adiantadas’.<sup>5</sup>

Contudo, é perceptível, para além da atualização do que era lido pelos doutorandos e do uso dessa mesma literatura como ‘argumento de autoridade’ – ou, se preferirmos, ‘citações tributárias’ dos tratados médicos produzidos na Europa – que havia, igualmente, nos textos das teses que produziram, espaços para a exposição de controvérsias e discordâncias entre os autores de que se valiam. Ou, dito em outras palavras, os formandos em Medicina da FMRJ dialogavam e se apropriavam ativamente dos textos que citavam, sublinhando, em diversos trechos de seus trabalhos de final de curso, seu protagonismo como estudantes e médicos.

Assim, Soeiro de Faria, por exemplo, problematiza em sua tese o olhar de Broussais acerca da ‘natureza e sede’ da epidemia, desmontando a percepção do médico francês do cólera como uma ‘gastroenterite’:

A cólera-epidêmica (dizem eles) [‘os sectários de Broussais’] é uma irritação da mucosa gastrointestinal, uma gastroenterite de natureza particular. Analisando as lesões funcionais e anatômicas desta enfermidade, temos observado duas séries delas.

[...] Como pois conceber-se que a ação de um órgão possa exagerar-se sem que ao mesmo tempo sua atividade vital não seja? (Faria 1856, 36-7)

Ao tratar dos diagnósticos do cólera, Godoy Botelho dedica alguns parágrafos de seu trabalho para mapear críticas e controvérsias entre os autores que cita. O doutorando, ao mencionar as feições dos cadáveres dos coléricos, discorda de Gardner sobre o fato de que determinados ‘líquidos’ existentes no tubo intestinal, como «uma matéria cremosa muito aderente à mucosa, cujo epitélio pode estar inteiramente desprendido dela, de modo a representar cilindros que nadam no meio desses líquidos», poderiam servir como diferencial das pessoas acometidas pela «epidemia reinante». Para Botelho, tal argumento «está bem longe de ser verdade» (Botelho 1863, 25).

---

5 Gondra 2004, 157; Gonçalves 2013, 77-81. Ainda que provas documentais nesse sentido sejam muito difíceis de serem encontradas, é presumível – em virtude da supracitada repetição de autores e composições de textos que denotam consideráveis proximidades, usos de paráfrases para a repetição de determinados argumentos, etc. – que muitos dos futuros médicos podem ter lançado mão de citações acessadas de modo indireto (‘citação da citação’); faziam eco aos comentários de tradutores de textos médicos que, não raro, faziam acréscimos, escreviam notas não existentes nos textos originais, cotejavam argumentos de autores. Acerca desse assunto, conferir: Kury 2007, 145; Gavroglu et al. 2008, 153-75; Luna, Kury 2012, 218-40. Contudo, para o melhor posicionamento em torno dessas questões, outra agenda de pesquisa, que abarcasse a análise de inventários, ofertas de livros médicos na Corte, estudos de trajetórias desses médicos, deveria ser considerada. Aliás, tais perspectivas abrem interessantes possibilidades para trabalhos vindouros.



Aliás, como já se torna possível perceber nos fragmentos supracitados, nossos doutorandos igualmente buscavam, na construção do discurso de suas teses, afirmar seu protagonismo como médicos, enfatizando – também como estratégia retórica, a nosso ver – suas ‘observações’ e experiência clínica. Nesse aspecto, seria estrategicamente lembrada e valorizada a realização de ‘anatomias’, que, como mencionado acima, configura uma das principais facetas do paradigma anátomo-clínico.

Nesse contexto, Godoy Botelho narra, em diversos trechos de sua tese, sua experiência como ‘interno’ na enfermaria de coléricos na Rua de Bragança, descrevendo a realização de ‘anatomias patológicas’ nos pacientes que perdia, a confrontar as características dos cadáveres que abria na capital do Império com aquelas presentes nos livros dos diversos médicos europeus que também lera para sua formação acadêmica.<sup>6</sup>

Resumindo, seria equivocado, em nossa opinião, imaginar que essas teses não passariam de monótonas repetições de conteúdos e autores. Aqui percebemos, igualmente, diferentes escolhas, diálogos ativos e explícita de controvérsias travadas com a vanguarda da produção médica europeia, incrementados pelas descrições da própria experiência dos futuros doutores, ao protagonizarem a abertura dos cadáveres e o tratamento dos coléricos, matizando assim o acima referido caráter ‘coletivo’ – este também inegável – na redação dessas teses médicas.

Outra hipótese bastante plausível que cremos poder considerar, embora esta seja de confirmação empírica bastante difícil, é que uma parte das críticas, controvérsias e ‘revisões’ encontradas nas teses escritas pelos futuros médicos também pudesse ser reproduzida a partir do discurso e ensinamento de seus mestres ao longo do curso, além da já mencionada construção de recursos retóricos na escrita desses textos médicos que valorizavam as ‘observações’ e a ‘experiência’, para efeitos de afirmação e legitimação de seus autores, seus (supostos) feitos e ideias.

6 Para outras referências desse tipo de construção de texto nas teses médicas, conferir Botelho (1863, 19, 24, 28, 35) e Faria (1856, 17 e 19).

## Bibliografia

### Fontes

- Albuquerque, Henrique de Hollanda Cavalcanti de (1856). *These apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada no dia 28 de Novembro de 1856*. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert.
- Almanak administrativo, mercantil e industrial*. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert 1857-1876. URL: <http://www-apps.crl.edu/brazil/almanak> (2016-11-11).
- Botelho, João Antonio de Godoy (1863). *These apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e publicamente sustentada em 31 de Novembro de 1856*. Rio de Janeiro: Typographia do Commercio de Pereira Braga.
- Brasil. Leis, decretos, etc. Decreto nr. 1.387, 28/04/1854. *Coleção das Leis do Império*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1872. URL <http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio> (2016-11-11).
- Chernoviz, Pedro L.N. (1890). *Dicionário de medicina popular...* Paris: A. Roger e F. Chernoviz.
- Faria, A.J. Soeiro de (1856). *These apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e publicamente sustentada em 28 de Novembro de 1856*. Rio de Janeiro: Typographia de M. Barreto.

### Livros, artigos e teses

- Beltrão, Jane Felipe (1999). *Cólera, o flagelo da Belém do Grão Pará* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas.
- Bynun, W.F; Bynun, Helen (eds.) (2007). *Dictionary of Medical Biography*. Westport (CT); Londres: Greenwood Press, 829-31.
- Corbin, Alain (1987). *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Costa, Palmira Fontes de; Cardoso, Adelino (ed.) (2011). *Percursos na história do livro médico (1450-1800)*. Lisboa: Forum de Ideias.
- Edler, Flávio C. (2011). *Medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Evans, Richard (1987). *Death in Hamburg. Society and Politics in Cholera Years 1830-1910*. Londres: Penguin Books.
- Ferreira, Luiz O. (1994). «João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica no século XIX». *Phisys - Revista de Saúde Coletiva*, 5(4), 58-61.
- Figueiredo, Betânia (2005). «Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular». *Educar*, 25, 59-73.

- Fleck, Ludwik [1935] (2010). *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Foucault, Michel (2004). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Franco, Sebastião P. (2013). «Cólera e surtos epidêmicos no oitocentos, na provincial do Espírito Santo». Nascimento, Dilene et al., *Uma História Brasileira das Doenças*, 4. Belo Horizonte: Fino Traço, 69-89.
- Gondra, José (2004). *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Gonçalves, Monique da S. Livros (2013). *Teses e periódicos médicos na construção do conhecimento médico sobre as doenças nervosas na Corte Imperial (1850-1880)*. Ferreira, Tânia Bessone da C. et al., *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 59-87.
- Gavroglu, Kostas et al. (2008). «Science and Technology in the European Periphery: Some Historiographical Reflections». *History of Science*, 46, 153-75.
- Hannaway, Caroline (1997). «Environment and Miasmata». Bynun, William F.; Porter, Roy, *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. Londres: Routledge, 292-308.
- Jordanova, Ludmilla; Porter, Roy (1997). *Images of the Earth: Essays in the History of the Environmental Sciences*. Oxford: Alden Press.
- Kodama, Kaori et al. (2012). «Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar». *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, 19, 59-79.
- Kury, Lorelai B. (1990). *O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina (1830-1850)* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Kury, Lorelai B. (2007). *Illuminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Luna, Fernando J.; Kury, Lorelai (2012). «Enlightenment Chemistry Translated by a Brazilian Man of Science in Lisbon». *Ambix*, 59(3), 218-40.
- Moisés, Massaud (2004). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Pensamento-Cultrix.
- Nogueira, André (2012). «Universos coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho». *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 19. Rio de Janeiro, 179-96.
- Nutton, Vivian (1997). «Humoralism». Bynun, William F.; Porter, Roy (eds.), *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. Londres: Routledge.
- Pécora, Alcir (2001). *Máquina de Gêneros*. São Paulo: EDUSP.
- Pimenta, Tânia S. (2004). «Doses infinitesimais contra a epidemia de cólera no Rio de Janeiro em 1855». Nascimento, Dilene Raimundo do;

- Carvalho, Diana Maul de (ed.), *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 31-51.
- Porter, Roy (2004). *Das tripas coração. Uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro: Record.
- Rosemberg, Charles (1992). «Framing disease: Illness, society and history». Rosemberg, Charles (ed.), *Explaining Epidemics and Others Studies in the History of Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 305-18.
- Weiner, Doara B.; Sauter, Michael J. (2003). «The City of Paris and the Rise of Clinical Medicine». *Osiris*, 18, 23-42.